

## Militares analisam o discurso

Sem ter sido precisamente um "casus belli", o discurso do deputado Ulysses Guimarães levará algum tempo antes de ser esquecido pelos chefes militares, da mesma forma que os segmentos leais ao ex-presidente Geisel ainda lhe reprovam, doze anos depois do episódio, a analogia com Idi Amin. Se foram excessos verbais, a autoridade militar não entende como um experiente político pode perder aquele traço de elegância que deve presidir relações de poder. Sim, porque entre seus convidados estavam justamente os chefes militares que cultivam um pacto de transição, no qual a anistia, lida na sua raiz como uma amnésia, implica o esquecimento, por ambos os lados.

O Dr. Ulysses fez um discurso de momento, mas não um discurso de método. Não foi apologético, mas retórico, imbuído em frases em que começou por lapidar um aforisma de Churchill sobre a autoridade, mas na forma de paráfrase, jogando com seu melhor método para a História.

Essa foi a recepção da fala no meio militar: um contundente agravo de um chefe político que tem como natureza permanente a habilidade em bem se conduzir na confusão de uma sala de espelhos, sem quebrar os cristais, nem cair no pânico da constatação de formas abstrusas. O velho comandante não tem do que se envergonhar, nem de seu passado de ex-pessedista, nem do passado de alguns de seus correligionários do PSD, que foram viabilizar a

cassação de Juscelino junto aos líderes revolucionários. Dr. Ulysses está acima de tudo isso, mesmo porque, vitorioso, soube ter paciência para ver passada a hora da necessidade de alianças de honra de todo o universo político para superar o autoritarismo e chegada a hora em que um simples discurso é capaz de satisfazer a mediocridade reinante no País. Deixando no ar a dúvida sobre se a fala foi projetada para que o Dr. Ulysses se alçasse às glórias da imortalidade acadêmica, ou se projetasse como candidato das esquerdas à Presidência da República, sua assessoria tem a responsabilidade de definir se esse tormentoso caminho de indefinições é a melhor maneira de tornar o povo confiante nos políticos. Sim, porque as pesquisas demonstram exatamente o contrário, e bem exultantemente as pesquisas em torno do Dr. Ulysses, mesmo tendo sido ele o político que mais utilizou o "Diário da Constituinte". Se ele está certo, no rumo da História, os fatos dirão a partir de hoje, quando começa uma contagem regressiva que inclui o esvaziamento do Congresso, eleições municipais, uma convenção nacional do PMDB e a sucessão na Câmara dos Deputados. Será preciso que os principais assessores do deputado, como os ex-ministros Renato Archer e Raphael de Almeida Magalhães, estejam em paz com os próximos, e também entre si, não tornando a assessoria um clube de rançosos. Com bilis não se constrói um Presidente da República.

CORREIO BRAZILENSE

1 OUT 1988